

## ADOLESCENTES E CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOACTIVAS: O TEMPO E O TERRITÓRIO ENQUANTO FACTORES SUBJACENTES ÀS DINÂMICAS DE CONSUMO EM PORTUGAL E NA EUROPA

FERNANDA FEIJÃO

**RESUMO:** No momento em que decorre um novo ciclo de estudos para avaliar a evolução dos consumos de substâncias psicoactivas em diversas populações, este artigo faz o ponto da situação relativamente aos adolescentes escolarizados. Apresenta-se a evolução da dimensão dos consumos de álcool e drogas, ao longo do tempo (desde que há dados disponíveis a nível nacional) e compara-se essa evolução com a de outros países europeus procurando salientar a importância que a situação geográfica (território) pode, ou não, ter na definição da dimensão do consumo de uma substância, num determinado momento e ao longo do tempo (1995 a 2003). Por outro lado, relativamente a Portugal, analisa-se a evolução dos consumos de álcool e droga, em 2003, em função da idade (tempo de vida) e caracterizam-se ainda algumas percepções, expectativas e crenças associadas a esses consumos.

**Palavras-chave:** Adolescentes; Prevalência do consumo; Padrões de consumo; Percepções; Expectativas; Crenças; Consumo.

**RÉSUMÉ:** On est en train de faire un nouveau cycle d'études pour surveiller la dimension de la consommation de substances psychoactives dans plusieurs populations. Dans cet article on fait le point sur la situation auprès des adolescents scolarisés. On présente l'évolution de la consommation de l'alcool et de la drogue depuis longtemps (dès qu'on a des données à niveau national) et on compare cette évolution avec celle d'autres pays européennes, cherchant de mettre l'accent sur l'importance que la situation géographique (territoire) pourra, ou non, avoir dans la détermination de la dimension de la consommation d'une substance à un certain moment et au long du temps (1995 à 2003). Concernant le Portugal, en 2003, on analyse l'évolution des consommations de l'alcool et de la drogue en fonction de l'âge des élèves (temps de vie) et on caractérise quelques perceptions, attentes et croyances liées à ces consommations.

**Mots-clés:** Adolescents; Prévalence de la consommation; Modèle de consommation; Perceptions; Expectatives; Croyances; Consommation.

**ABSTRACT:** A new cycle of studies is being carried out in order to monitor the evolution of psychoactive substances use in some populations. This article points out the situation among teenagers attending school. It presents the alcohol and drug use evolution along time (since national data are available) and compares it with that of other European countries, emphasising the role that geographical place (territoriality) could have in the definition of the limits of that dimension in a certain moment and along time. Concerning the specific Portuguese situation, in 2003, an analyse is made about the evolution of alcohol and drug use by age group and some perceptions, expectations and beliefs related to that use are also presented.

**Keywords:** Adolescents; Prevalence of drug use; Pattern of use; Perceptions; Expectancies; Beliefs; Drug use.

O Instituto da Droga e da Toxicodependência promoveu a realização de um novo ciclo de estudos com vista à monitorização da evolução dos consumos de substâncias psicoactivas. Estes estudos estão a ser desenvolvidos quer directamente no IDT (caso dos estudos em meio escolar), quer em Universidades (casos dos estudos na população portuguesa, na população prisional e nos consumidores problemático). Repetem-se assim, os estudos com idênticos objectivos realizados em 2001.

Em Portugal, os estudos epidemiológicos sobre consumos de substâncias psicoactivas, entre os adolescentes em idade escolar, iniciaram-se nos finais dos anos 80, através das instituições que precederam o actual IDT. Estes estudos foram desenvolvidos com o apoio do Ministério da Educação. O Programa de Estudos em Meio Escolar (PEME) do IDT, contempla dois projectos: um de âmbito nacional, o "Inquérito Nacional em Meio Escolar" (INME), e outro de âmbito europeu, o "European School Survey Project on Alcohol and other Drugs" (ESPAD).

Os "Estudos em Meio Escolar" (EME) foram iniciados no Gabinete de Planeamento e de Coordenação do Combate à Droga (GPCCD)<sup>(1)</sup> no final dos anos 80, tendo sido realizados em alunos do ensino público de várias cidades ou grupos de escolas e, em 1989, a nível de Portugal Continental, em amostra representativa dos alunos do 3.º Ciclo (7.º, 8.º e 9.º anos), do Ensino Básico. O INME manteve a metodologia dos EME, actualizou o respectivo questionário, alargou a representatividade da amostra e passou a ser realizado também no grupo dos alunos do Ensino Secundário (10.º 11.º e 12.º anos). Realizou-se em 2001 e em 2006 (estando actualmente na fase de informatização de dados).

O projecto europeu ESPAD tem como grupo alvo os alunos que completam 16 anos no ano em que o estudo se realiza. Porque o estudo decorre na Primavera, em Portugal, estes alunos estão maioritariamente no 10.º ano, mas devido às repetências, há alunos deste grupo etário no 9.º, no 8.º e até no 7.º anos de escolaridade. Este estudo realizou-se em 1995, 1999, 2003 e terá lugar, de novo, este ano. Portugal participa no projecto desde o início.

Para além dos dados para o estudo europeu, em 1995 o questionário do ESPAD foi também aplicado numa amostra representativa, (a nível de Portugal Continental), dos alunos do Ensino Secundário. Em 2003, optou-se por alargar a

amostra a cada um dos grupos etários dos 13 aos 18 anos, o que permitiu, também, obter dados para o 3.º Ciclo e para o Secundário. Por outro lado, ao questionário do ESPAD foram adicionadas outras variáveis de âmbito nacional, passando esta versão alargada (amostra + questionário) a ser designada por "Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco e Drogas" (ECATD), para o diferenciar do ESPAD (só 16 anos e menos variáveis).

É assim possível, do ponto de vista puramente descritivo, acompanhar a evolução dos resultados obtidos entre 1989 e 2003, pelos alunos do 3.º Ciclo e, entre 1995 e 2003, pelos os alunos do Secundário. Importa naturalmente salientar que, em rigor, apenas são directamente comparáveis os resultados correspondentes a anos diferentes do mesmo estudo, porque a utilização de questionários diferentes nos diferentes projectos não permite uma comparação em termos absolutos (já que o instrumento de medida não é exactamente o mesmo). De qualquer modo, uma visão global destes resultados permite ter uma ideia dos limites em que a dimensão do consumo tem estado situada.

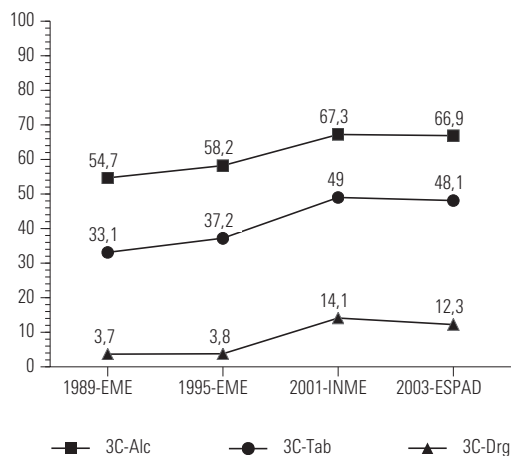
## 1. CONSUMOS ENTRE OS ALUNOS DO 3.º CICLO E DO ENSINO SECUNDÁRIO, AO LONGO DO TEMPO – PORTUGAL

Os gráficos que seguem apresentam os resultados dos estudos realizados, em alunos do ensino público, em amostras representativas do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, de Portugal Continental em 1989, 1995 e 2003 (Rodrigues, Antunes & Mendes, 1996, 1997; Feijão e Lavado, 2006a, 2006b e 2006c) e a nível nacional (Continente e Regiões Autónomas dos Açores e Madeira), em 2001 (Feijão e Lavado 2003, 2004).

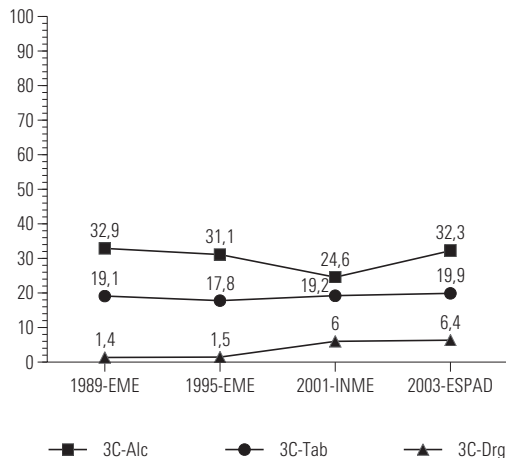
Entre os alunos mais jovens (3.º Ciclo) ao nível da experimentação (Prevalência ao Longo da Vida) – **Gráficos 1 e 2** – constata-se que houve um acréscimo de consumidores de 1995 para 2001 relativamente aos três grupos de substâncias: álcool, tabaco e drogas.

Relativamente às "Prevalências nos Últimos 30 Dias" houve estabilidade quanto ao tabaco, alguma estabilidade quanto ao álcool (já que, após um decréscimo em 2001, em 2003 se retomaram os valores anteriores) e, quanto à droga, estabilidade a dois tempos: até 1995 e a partir de 2001 (tendo

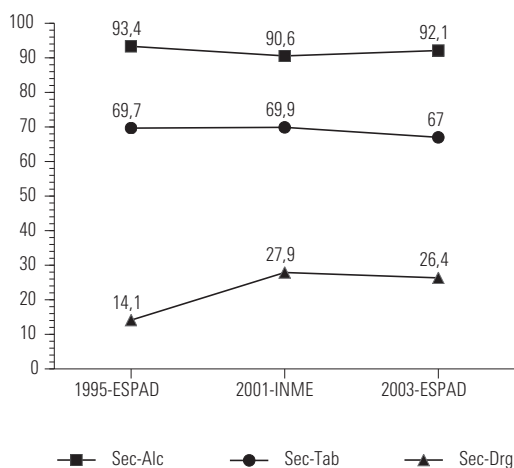
**Gráfico 1** – 3º Ciclo – 7º ao 9º anos  
Prevalências ao **Longo da Vida**



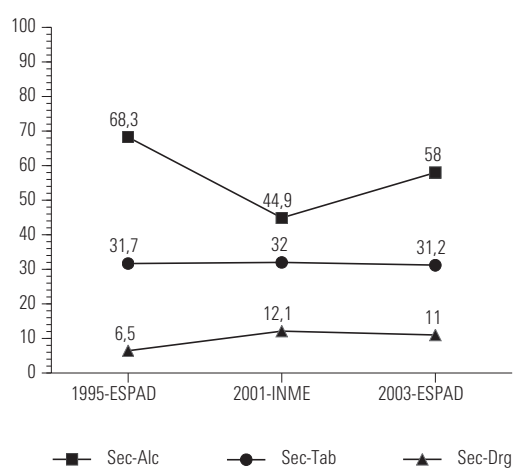
**Gráfico 2** – 3º Ciclo – 7º ao 9º anos  
Prevalências nos **Últimos 30 dias**



**Gráfico 3** – Ens. Secundário – 10º ao 12º anos  
Prevalências ao **Longo da Vida**



**Gráfico 4** – Ens. Secundário – 10º ao 12º anos  
Prevalências nos **Últimos 30 dias**



de 1995 para 2001 ocorrido um acréscimo da percentagem de consumidores). Ainda quanto ao consumo de álcool, uma vez que ele está muito associado a contextos de diversão, o valor mais baixo obtido em 2001, poderá eventualmente, estar relacionado com o facto de a recolha de dados ter sido feita no Inverno (meados de Novembro) e não, como nos outros estudo, na Primavera, altura em que as saídas a locais de diversão poderão (por razões climatéricas) ser mais frequentes. Entre os alunos do Ensino Secundário público só há dados

disponíveis a partir de 1995. Os **gráficos 3 e 4** mostram esses valores. Estes gráficos evidenciam, também, uma certa estabilidade quanto às percentagens de alunos que já experimentaram álcool, e tabaco; quanto às drogas, após um acentuado aumento de 1995 para 2001, também uma certa estabilização parece estar a acontecer. Quanto às Prevalências de Consumo nos Últimos 30 Dias a evolução é semelhante à já descrita para o 3.º Ciclo.

## 2. CONSUMOS ENTRE OS ALUNOS DE 16 ANOS, AO LONGO DO TEMPO – EUROPA

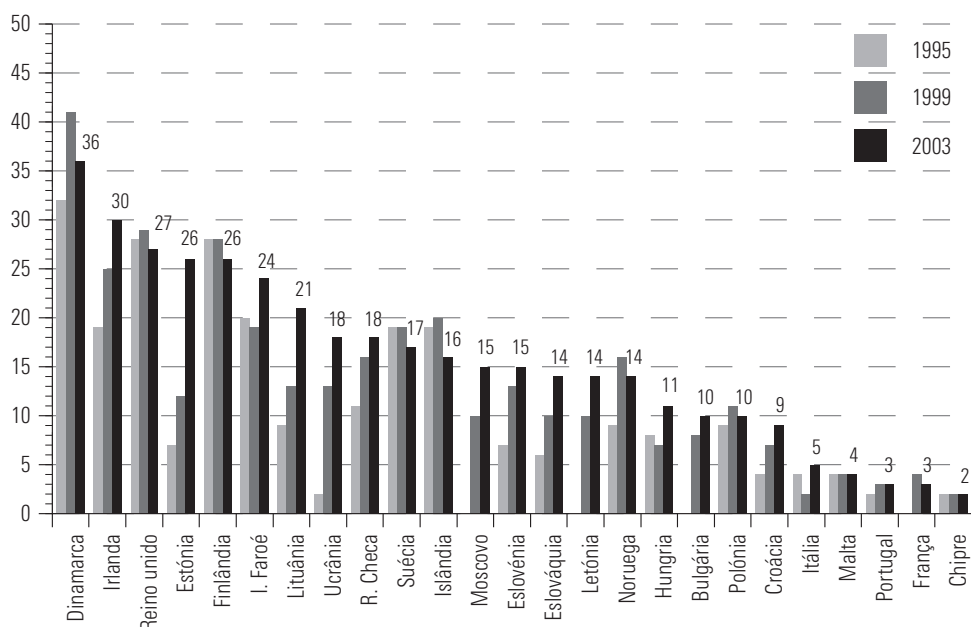
Para além da necessidade do conhecimento da realidade a nível nacional impõe-se, na sociedade global em que vivemos, pelo menos, o conhecimento do fenómeno nos diferentes países europeus.

Assim, a nível europeu os dados do *ESPAD – European School Survey on Alcohol and other Drugs* dos estudos realizados em 1995, 1999 e 2003 (Hibell *et al.*, 1997, 2000 e

2004) permitem ter uma visão global da evolução dos consumos nos diferentes países.

Relativamente ao consumo de **álcool**, o **Gráfico 5**, referente ao ESPAD, apresenta a evolução, de 1995 para 2003, da percentagem de alunos de 16 anos que já se tinham embriagado “20 vezes ou mais” em toda a vida. Como se pode constatar, os países do Sul da Europa – Chipre, França, Portugal e Itália (Espanha não participa no estudo) – são os que apresentam os valores mais baixos.

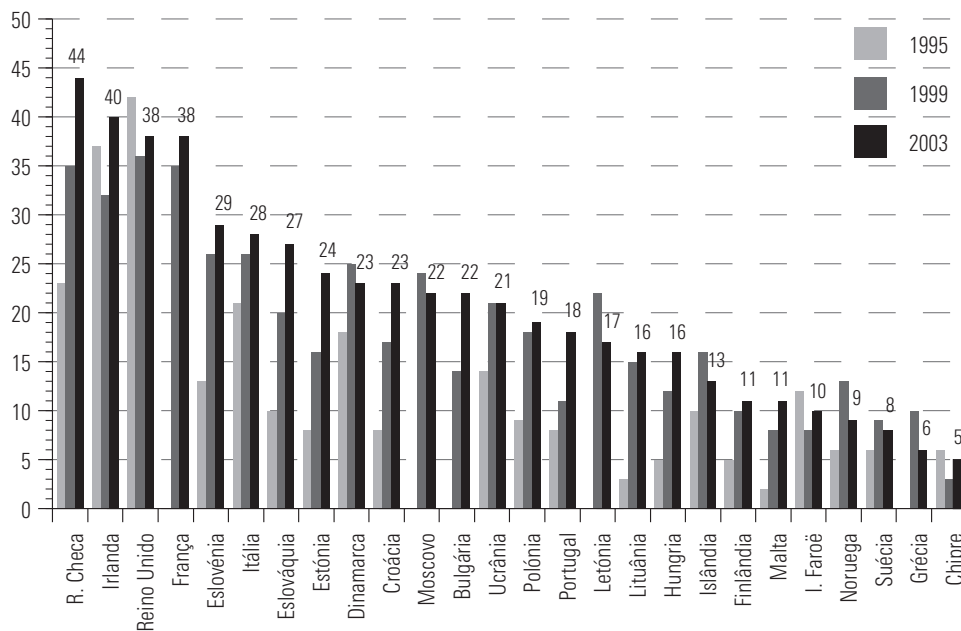
**Gráfico 5** – ESPAD -1995/1999/2003 – Alunos de 16 anos  
“BEBEDEIRAS” - 20 vezes ou mais – Prevalência ao Longo da Vida (%)



Quanto ao consumo de **drogas** (qualquer droga, ou seja, *cannabis*, *ecstasy*, cocaína, anfetaminas, LSD, cogumelos alucinógenos/mágicos, heroína, GHB, cetamina) – **Gráfico 6** – verifica-se que em quase todos os países houve, desde 1995 um acentuado acréscimo das percentagens de alunos de 16 anos que já tinham experimentado consumir alguma droga. Os dados de Portugal em 2003, situam-no no nível médio baixo, a par da Polónia, Letónia, Lituânia, Hungria e Islândia.

A evolução do consumo de *cannabis*, ao longo deste período de tempo (1995, 1999 e 2003), pode ser feita através dos resultados de uma análise de *clusters* (método *K-means*) sobre os valores das prevalências ao longo da vida (PLV) e das prevalências nos últimos 30 dias (P30D); esta análise permitiu agrupar os países em seis grupos (com percursos distintos entre si e idênticos dentro de cada grupo).

**Gráfico 6** – ESPAD -1995/1999/2003 – Alunos de 16 anos  
DROGA (qualquer ilícita) – Prevalência ao Longo da Vida – PLV (%)



O **Gráfico 7** mostra as médias dos grupos de países assim obtidos. Assim, quanto à experimentação (PLV) de *cannabis* de 1995 para 2003, houve um aumento das percentagens de alunos com essa experiência para todos os países, com exceção do grupo que, em 1995, já apresentava os valores mais elevados (acima de 35%) – Irlanda, Reino Unido e Estados Unidos da América – e em que os valores se mantiveram estáveis (*cluster 5*).

Quanto aos consumos nos últimos 30 dias, houve também acréscimo das percentagens para todos os grupos com exceção dos que, em 1995, apresentavam quer os valores mais elevados (cerca de 20%) – o grupo atrás referido – quer os valores mais baixos (cerca de 1%) – o grupo dos países nórdicos (I. Faroë, Finlândia, Letónia, Noruega e Suécia) e Chipre, Grécia e Malta (*cluster 2*).

Neste contexto, Portugal encontra-se no grupo com os segundos valores mais baixos, a par da Polónia, Lituânia, Islândia e Hungria. A República Checa (*cluster 6*) surge como o país com um grande aumento de consumidores neste período e, com um aumento de nível médio, surgem países maioritariamente do centro da Europa: Dinamarca, Eslováquia, Croácia e Ucrânia (*cluster 4*) e Eslovênia, Itália (*cluster 1*).

### 3. CONSUMOS ENTRE OS ALUNOS DE 16 ANOS, EM 2003 – EUROPA

Uma visão mais detalhada dos consumos de álcool na Europa, pode ser obtida através de uma análise de *clusters* (método *K-means*) com base em vários indicadores referentes ao *consumo frequente* – prevalências de consumo “3 vezes ou mais nos últimos 30 dias” de bebidas destiladas<sup>2)</sup> (D\_3V\_30D), de cerveja (C\_3V\_30D) e de vinho (V\_3V\_30D) – e ao *consumo excessivo* – “prevalências de “bebedeiras antes dos 13 anos de idade”(BB\_PV\_13), “bebedeiras, 20 vezes ou mais, ao longo da vida”(BB\_20\_LV), e de “bebedeiras, 10 vezes ou mais, nos últimos 12 meses” (BB\_10\_12M) – permite ter uma visão global dos padrões de consumo de álcool nos 35 países que participaram no ESPAD em 2003. O **Gráfico 8** mostra os resultados dessa análise sendo os valores apresentados, correspondentes às médias de cada variável nos países que compõem cada grupo (*cluster*).

A partir deste gráfico são bastante evidentes as acentuadas diferenças entre os 5 grupos de países. Com efeito, os dois grupos de países com maiores percentagens de alunos com consumos frequentes de destiladas e de cerveja (cerca de 33%), apresentam

Gráfico 7 – ESPAD -1995/1999/2003 – Consumo de CANNABIS (%)

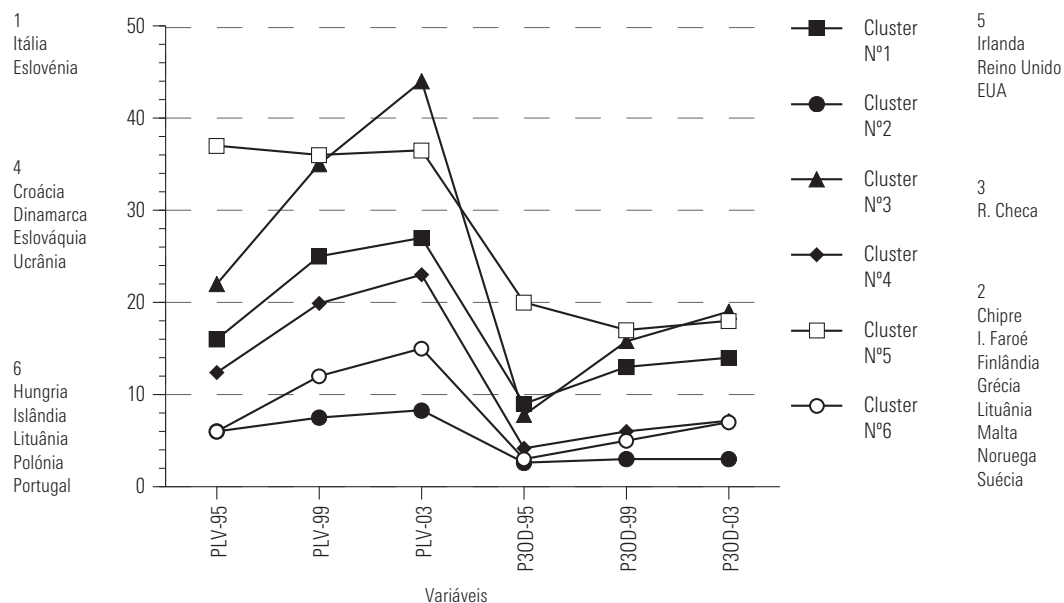
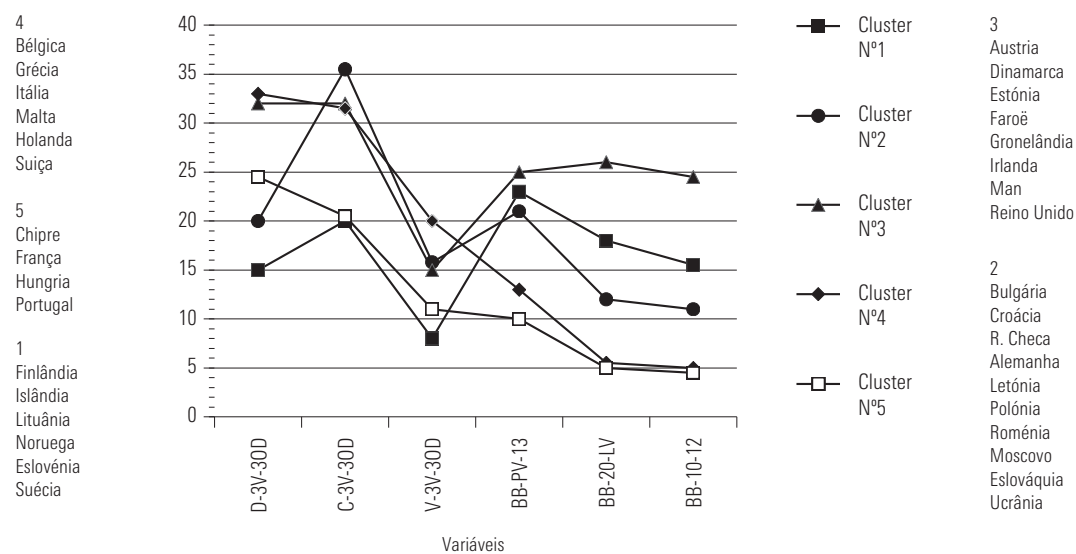


Gráfico 8 – ESPAD/2003 – Consumo de bebidas alcoólicas – Médias de cada cluster



padrões de consumo excessivo, totalmente distintos: o *cluster* 3 – com a Áustria e os países do Norte: Dinamarca, Estónia, Ilhas Faroë, Gronelândia, Irlanda, Ilha de *Man* e Reino Unido – que apresenta as maiores percentagens de bebedeiras, e o *cluster* 4 – grupo de países maioritariamente latinos: Bélgica, Grécia, Itália, Malta, Holanda e Suíça – com percentagens das mais baixas de consumidores com consumos excessivos.

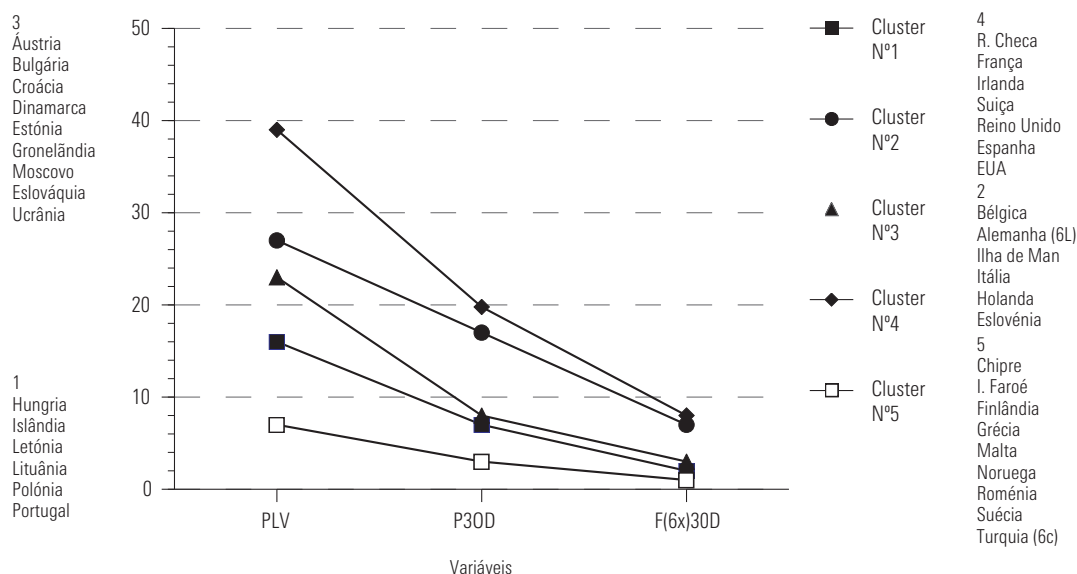
Por outro lado, entre os países com menores percentagens de consumidores com consumos frequentes destacam-se, também, dois grupos: o *cluster* 1, com elevadas percentagens de consumidores com consumos excessivos – uma vez mais do Norte: Finlândia, Islândia, Lituânia, Noruega, Eslovénia e Suécia – e o *cluster* 5, com as mais baixas percentagens de consumidores com consumos excessivos – uma vez mais de origem latina: Chipre, França, Hungria e Portugal.

Para além destes 4 grupos, há um outro constituído pelos países que apresentam baixas percentagens de consumidores de destiladas e vinho, mas elevadas percentagens de consumidores com consumos frequentes de cerveja a par de percentagens médias de consumidores com consumos excessivos – países do Leste da Europa: Bulgária, Croácia, R. Checa, Alemanha, Letónia, Polónia, Roménia, Eslováquia, Ucrânia e Moscovo (Rússia).

Centrando agora a atenção nos resultados do consumo de drogas e, em particular, nos consumos de *cannabis* (a mais consumida), a análise conjunta dos três indicadores – PLV (experimentação), P30D (prevalência de consumo de “pelo menos uma vez nos últimos 30 dias”) e P(6x)30D (prevalência de consumo de “pelo menos seis vezes nos últimos 30 dias”) – permite ter uma ideia dos padrões de consumo nos diferentes países.

O **Gráfico 9**, correspondente aos resultados de uma análise de *clusters* (método *K-means*) com esses 3 indicadores mostra a situação em 2003. Foi possível identificar 5 *clusters* (grupos de países com perfis idênticos relativamente às variáveis em análise). Os países europeus a que correspondem maiores percentagens de consumidores (*cluster* 4) – perto de 40% de alunos a já terem experimentado *cannabis*, 20% a tê-la consumido no mês que antecedeu a realização do estudo e cerca de 8% a tê-lo feito pelo menos 6 vezes nesse mesmo período – inclui, além da República Checa (único país da Europa de Leste) a França, Irlanda, Suíça, Reino Unido e Espanha (todos países da Europa Ocidental); a título de comparação incluíram-se os resultados dos Estados Unidos da América na análise, e verificou-se que esses valores o situam neste grupo.

**Gráfico 9** – ESPAD/2003 – Consumo de CANNABIS – Médias de cada *cluster* (%)



Logo a seguir com percentagens, um pouco menores de consumidores surge outro conjunto de países (*cluster 2*), da Europa Ocidental – Bélgica, Alemanha (6 Länders), Ilha de Man, Itália e Holanda – mais a Eslovénia. Neste grupo cerca de 28% dos alunos de 16 anos já tinham experimentado, cerca de 15% consumira nos últimos 30 dias e cerca de 6% fizera-o 6 vezes ou mais.

Diferindo principalmente quanto às percentagens de alunos que já experimentaram *cannabis*, surgem, a seguir dois grupos de países maioritariamente da Europa Oriental: o *cluster 3* – Áustria, Bulgária, Croácia, Dinamarca, Estónia, Gronelândia, Eslováquia, Ucrânia e também Moscovo – com cerca de 24%, e o *cluster 1* – Hungria, Islândia, Letónia, Lituânia, Polónia e Portugal – com cerca de 15%. Quanto aos consumos nos últimos 30 dias, as percentagens variam entre os cerca de 8% (*cluster 3*) e os 6% (*cluster 1*) e de cerca de 2% a percentagem de alunos de 16 anos que consumiu 6 vezes ou mais nos 30 dias anteriores ao estudo.

Por fim, os países nórdicos – Finlândia, Noruega, Suécia e Ilhas Faroë –, as ilhas do Mediterrâneo – Chipre e Malta – e países do Sudeste da Europa – Grécia, Roménia e Turquia (6 cidades) surgem como o grupo com menores percentagens de consumidores em qualquer dos indicadores.

#### 4. CONSUMOS ENTRE OS ALUNOS DOS GRUPOS ETÁRIOS DOS 13 AOS 18 ANOS EM 2003 – PORTUGAL

Voltando a Portugal, apresentam-se a seguir os resultados do ECATD/2003, relativamente aos consumos de álcool e de drogas (Feijão & Lavado, 2006).

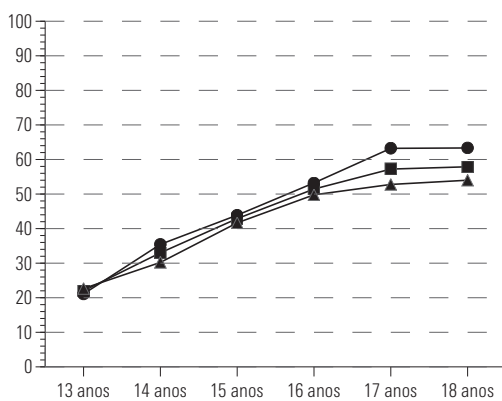
Como já se disse as amostras de cada um dos grupos etários dos 13 aos 18 anos tinham representatividade assegurada para Portugal Continental. Cada uma teve cerca de 3000 alunos, o que fez com que a amostra global do ECATD tivesse cerca de 18000 alunos.

Analisando agora a influência do factor tempo, mas relativamente à idade dos consumidores, os dados do ECAT/2003, evidenciam diferenças acentuadas quer entre as prevalências, quer entre as frequências de consumo de bebidas destiladas e de cerveja, nos últimos 30 dias, seja globalmente entre os diferentes grupos etários, seja entre rapazes e raparigas do mesmo grupo etário.

Os Gráficos 10 e 11, mostram os valores das prevalências de consumo de bebidas destiladas e de cerveja nos últimos 30 dias, globalmente para cada grupo etário e por género. Constata-se claramente que, em 2003, em qualquer idade, a percentagem de consumidores de bebidas destiladas era

**Gráfico 10** – ECATD/2003 – DESTILADAS

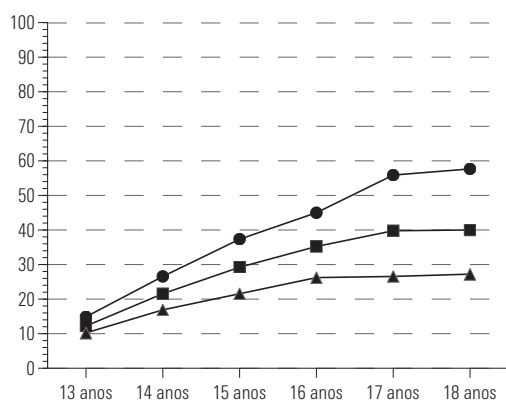
**Dimensão do Consumo** por grupo etário – Total e por género  
**Prevalências nos Últimos 30 dias – P30D (%)**



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
■ P(D)-Total	22	33	42,9	51,5	57,3	57,9
● P(D)-Masc	21,1	35,5	43,9	53,2	63,3	63,4
▲ P(D)-Fem	22,7	30,3	41,7	49,8	52,8	54

**Gráfico 11** – ECATD/2003 – CERVEJA

**Dimensão do Consumo** por grupo etário – Total e por género  
**Prevalências nos Últimos 30 dias – P30D (%)**



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
■ P(C)-Total	12,3	21,6	29,3	35,3	39,8	40
● P(C)-Masc	14,9	26,6	37,4	45	55,9	57,7
▲ P(C)-Fem	10,2	16,9	21,6	26,2	26,6	27,2

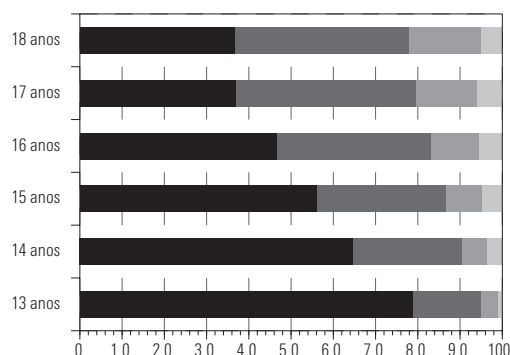


superior à de consumidores de cerveja e que, entre os alunos mais jovens, as diferenças entre as percentagens de rapazes e de raparigas que consomem bebidas destiladas é pequena. Relativamente ao consumo de bebidas destiladas, a frequência de nos últimos 30 dias (**Gráficos 12 e 13**), mostra que as diferenças entre as frequências de consumo de

rapazes e de raparigas, do mesmo grupo etário, ainda são significativas. Assim, por exemplo, entre os rapazes de 18 anos, 41% tinham bebido 1 a 5 vezes e cerca de 22% tinham-no feito 6 vezes ou mais, enquanto que no grupo de raparigas da mesma idade havia 44% que tinham bebido 1 a 5 vezes e, apenas, 10% tinham consumido 6 ou mais vezes.

**Gráfico 12 – ECATD/2003 – DESTILADAS**

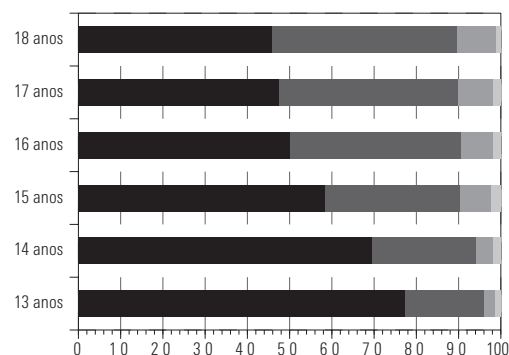
**Dimensão do Consumo** por grupo etário – Rapazes  
Frequência nos Últimos 30 dias – N° de ocasiões (%)



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
F30D-D-20 ou mais	1,1	3,6	4,8	5,6	5,8	4,9
F30D-D-6 a 19	3,8	5,9	8,4	11,2	14,7	17,2
F30D-D-1 a 5	16,2	25,8	30,6	36,4	42,5	41,3
F30D-D-Nunca	78,9	64,7	56,2	46,8	37	36,7

**Gráfico 13 – ECATD/2003 – DESTILADAS**

**Dimensão do Consumo** por grupo etário – Raparigas  
Frequência nos Últimos 30 dias – N° de ocasiões (%)



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
F30D-D-20 ou mais	1,4	1,7	2,2	1,7	1,7	1,1
F30D-D-6 a 19	2,5	4,2	7,2	7,6	8,5	9,1
F30D-D-1 a 5	18,8	24,4	32,1	40,7	42,4	43,9
F30D-D-Nunca	77,3	69,7	58,4	50	47,4	45,9

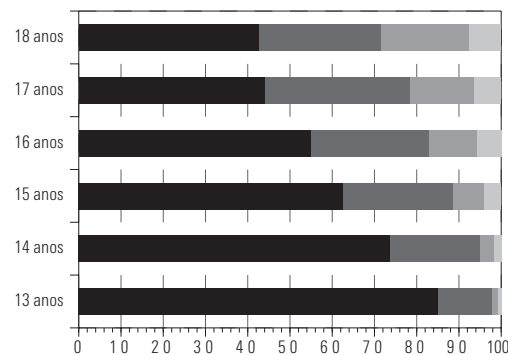
Quanto à frequência do consumo de cerveja no mesmo período de tempo, últimos 30 dias (**Gráficos 14 e 15**), as diferenças entre rapazes e raparigas são mais acentuadas. Assim, por exemplo, aos 18 anos, 29% dos rapazes tinham bebido cerveja 1 a 5 vezes e igual percentagem tinha-o feito mais que 5 vezes, enquanto que entre as raparigas essas percentagens eram, respectivamente de 22% e de 5%. Já quanto aos consumos mais frequentes, 7,5% dos rapazes e 1,2% das raparigas tinham consumido 20 vezes ou mais nos últimos 30 dias.

Analisando agora globalmente (rapazes e raparigas em conjunto) a intensidade do consumo na “última ocasião” verifica-se que, aos 18 anos, cerca de 20% tinham tomado 1 a 2 copos de destiladas, 7% bebido 3 a 5 copos e 3% ingerido 6 copos ou mais (**Gráfico 16**). Para a mesma idade 12% tinha consumido 1 a 2 garrafas ou latas de cerveja, 5% tinham bebido 3 a 5 garrafas/latas e 5% bebera 6 ou mais garrafas/latas (**Gráfico 17**).

Por outro lado, constata-se que cerca de 81% dos alunos de 13 anos referem que “nunca” consomem nem bebidas destiladas nem cerveja e que aos 18 anos essas percentagens são respectivamente de 30% e 48%.

**Gráfico 14** – ECATD/2003 – CERVEJA

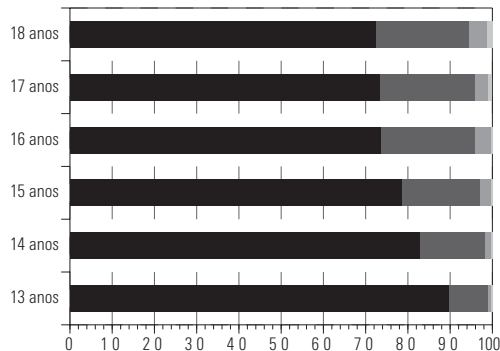
**Dimensão do Consumo** por grupo etário – Rapazes  
**Frequência nos Últimos 30 dias – N° de ocasiões (%)**



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
F30D-C-20 ou mais	0,7	1,7	3,9	5,7	6,3	7,5
F30D-C-6 a 19	1,4	3,3	7,5	11,2	15,2	20,9
F30D-C-1 a 5	12,8	21,4	25,9	28,2	34,3	29,1
F30D-C-Nunca	85,1	73,7	62,8	54,9	44,2	42,6

**Gráfico 15** – ECATD/2003 – CERVEJA

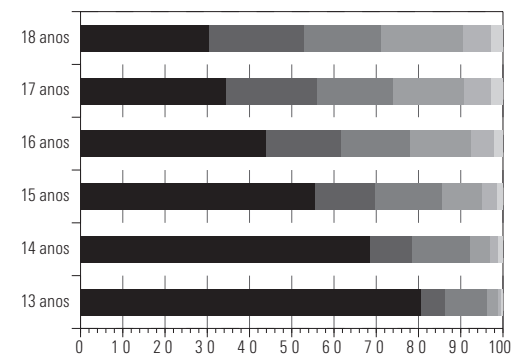
**Dimensão do Consumo** por grupo etário – Raparigas  
**Frequência nos Últimos 30 dias – N° de ocasiões (%)**



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
F30D-C-20 ou mais	0,3	0,4	0,4	0,3	0,8	1,2
F30D-C-6 a 19	0,6	1,4	2,5	3,8	3,2	4,1
F30D-C-1 a 5	9,3	15,2	18,4	22,3	22,4	22,1
F30D-C-Nunca	89,8	83,2	78,7	73,8	73,5	72,6

**Gráfico 16** – ECATD/2003 – DESTILADAS

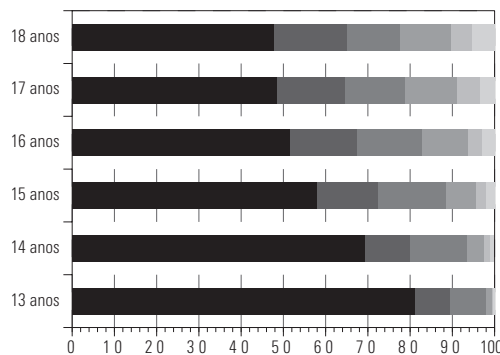
**Dimensão do Consumo** por grupo etário – Total de Alunos  
**Intensidade na “Última Ocasião de Bebida” – N° de copos (%)**



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
UO-D-6 ou + copos	0,4	1	1,4	1,9	2,8	2,6
UO-D-3 a 5 copos	0,6	1,9	3,3	5,5	6,2	6,8
UO-D-1 a 2 copos	2,7	4,8	9,6	14,4	16,8	19,2
UO-D-menos que 1 copo	10	13,7	16	16,3	18,1	18,4
UO-D-não bebi	5,5	10,2	14	17,9	21,6	22,5
Nunca bebo Destiladas	80,8	68,4	55,8	43,9	34,5	30,4

**Gráfico 17** – ECATD/2003 – DESTILADAS

**Dimensão do Consumo** por grupo etário – Total de Alunos  
**Intensidade na “Última Ocasião de Consumo” – N° garrafas/latas (%)**

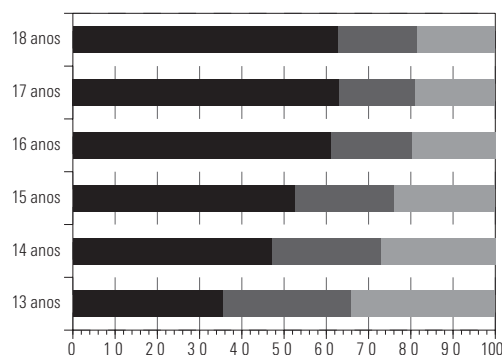


	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
UO-C-6 ou + garf/latas	0,4	0,8	2	3	3,5	5,2
UO-C-3 a 5 garf/latas	0,1	1,5	2,2	3,1	5,4	5,1
UO-C-1a 2 garf/latas	1,5	4	7,4	11	12,2	11,9
UO-C-menos 1 garf/lata	8,4	13,5	16,1	15,5	14,3	12,8
UO-C-não bebi	8,4	10,7	14,2	15,9	16	17,2
Nunca bebo Cerveja	81,2	69,4	58,2	51,6	48,6	47,8

Por outro lado, os resultados mostram que as expectativas de que o consumo de álcool esteja associado a diversão aumentam bastante com a idade passando de 36% aos 13 anos para 63% aos 18 anos (**Gráfico 18**) enquanto que,

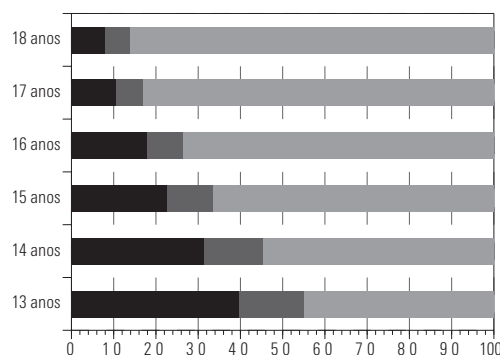
paralelamente, as expectativas sobre a ocorrência de problemas com a polícia, associados ao consumo de álcool, decrescem bastante passando de 40% aos 13 anos para 8% aos 18 anos (**Gráfico 19**).

**Gráfico 18 – ECATD/2003 – ÁLCOOL**  
Expectativas sobre Consumo por grupo etário – Total  
Divertir-se imenso (%)



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
Improv/Mt.º Improv	33,9	27	23,8	19,7	18,8	18,4
Não sei	30,5	25,9	23,7	19,1	18,1	18,6
Mt.º Prov/Prov.	35,5	47,1	52,5	61,2	63	62,9

**Gráfico 19 – ECATD/2003 – ÁLCOOL**  
Expectativas sobre Consumo por grupo etário – Total  
Problemas com a Polícia (%)

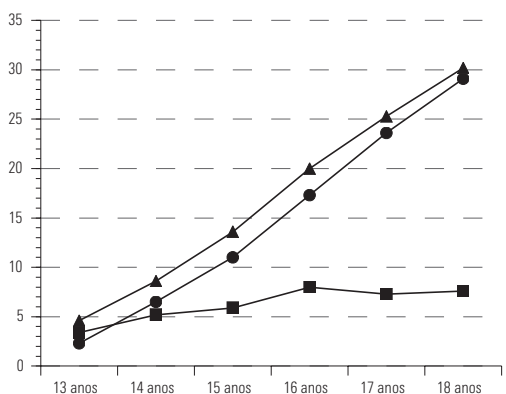


	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
Improv/Mt.º Improv	44,7	54,5	66,5	73,4	82,9	86,1
Não sei	15,5	13,9	10,7	8,7	6,5	6
Mt.º Prov/Prov.	39,8	31,5	22,8	17,9	10,6	7,9

O gráfico 20 apresenta os resultados do ECATD/2003 relativos à experimentação de drogas em geral (qualquer das substâncias acima indicadas) e especificamente de *cannabis* e das "outras drogas" (ou seja, de qualquer das substâncias indicadas com exceção da *cannabis*), por grupo etário.

Verifica-se que a *cannabis* é a substância mais experimentada pelos alunos mais velhos, mas que entre os mais jovens (menos de 15 anos), as porcentagens de consumidores de *cannabis* e de "outras drogas" são muito próximas. Aos 18 anos 30% dos alunos já experimentaram alguma droga, sendo que 29% experimentaram *cannabis* e 8% "outras drogas", o que confirma que entre os alunos mais velhos a *cannabis* é a droga dominante. De salientar no entanto que, aos 13 anos, a porcentagem de alunos que já experimentaram as "outras drogas" (3%) já é ligeiramente superior à dos que experimentaram *cannabis* (2%). Os resultados do próximo estudo ECATD/2007, serão muito importantes para verificar o sentido da evolução destes consumos e confirmar ou infirmar o maior relevo que, desde 2001, as "outras drogas" parecem estar a assumir entre os alunos mais jovens.

**Gráfico 20 – Prevalências ao longo da Vida, por grupo etário**  
Droga, *Cannabis* e "Outras" Drogas  
(= Drogas sem *cannabis*)



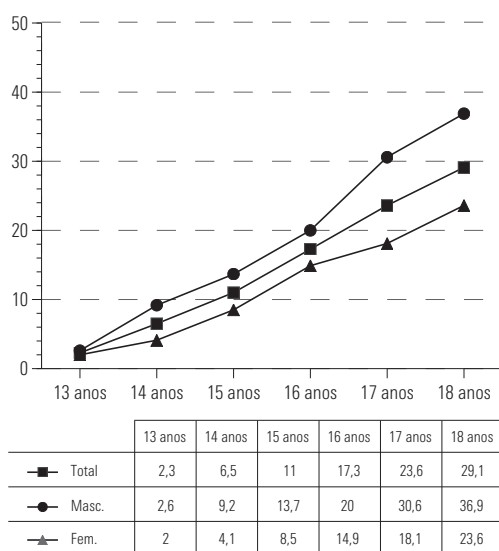
	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
PLV-Outras drig (s/c)	3,4	5,2	5,9	8	7,3	7,6
P12M - Cannabis	2,3	6,5	11	17,3	23,6	29,1
PLV- Drogas	4,6	8,6	13,6	20	25,3	30,2

Uma análise das prevalências por género mostra que, em qualquer idade, a percentagem de rapazes que já experimentaram pelo menos uma vez na vida (**Gráfico 21**) ou a dos que consumiram *cannabis* nos 30 dias anteriores à realização do estudo (**Gráfico 22**), era maior do que a das raparigas e que, era a partir dos 16 anos que se acentuavam

as diferenças na dimensão dos consumos entre os géneros. Assim, 37% dos rapazes de 18 anos e 24% das raparigas da mesma idade já tinham experimentado esta substância, enquanto que 16% dos rapazes e 7% das raparigas o tinham feito na altura da realização do estudo (P30D).

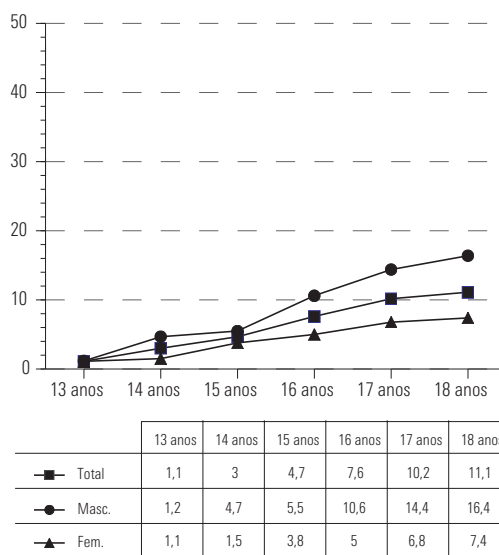
**Gráfico 21** – ECATD/2003 – *CANNABIS*

Dimensão do consumo por grupo etário – Total e por género  
Prevalências ao Longo da Vida – PLV (%)



**Gráfico 22** – ECATD/2003 – *CANNABIS*

Dimensão do consumo por grupo etário – Total e por género  
Prevalências nos Últimos 30 dias – P30D (%)

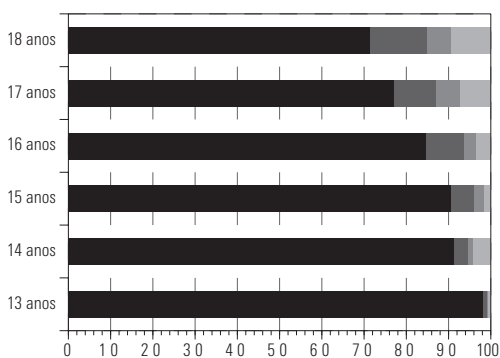


Quanto à frequência com que os consumos se efectuaram nos últimos 12 meses anteriores à recolha de dados (**Gráficos 23 e 24**) verifica-se que, aos 18 anos, 14% dos rapazes e 9% das raparigas tinham consumido entre 1 a 5 vezes (experimentação), 6% dos rapazes e 4% das raparigas, consumira 6 a 19 vezes (consumo ocasional) e 9% dos rapazes e 3% das raparigas tinham-no feito 20 vezes ou mais (mais de 2 vezes por mês). Será, pois, entre este último grupo que se encontrarão os consumidores mais regulares ou habituais.

De salientar que aos 13 anos, 98% dos rapazes e das raparigas nunca consumiram *cannabis*.

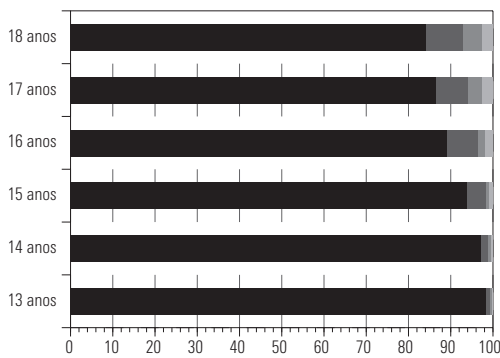
Por outro lado a percepção que os alunos têm sobre a facilidade do acesso à *cannabis* (**Gráfico 25**) aumenta bastante com a idade, sendo 9% aos 13 anos e 48% aos 18 anos os que o consideravam “muito fácil” ou “fácil”. Por sua vez, a percepção do risco do consumo regular (**Gráfico 26**) não varia muito com a idade já que os que consideram esse risco “pouco” ou “nenhum” são apenas 4% aos 13 anos e 5% aos 18 anos; os que consideram haver “muito risco”, são 66% aos 13 anos e 71% aos 18 anos.

**Gráfico 23 – ECATD/2003 – CANNABIS**  
**Dimensão do consumo** por grupo etário – Rapazes  
**Frequência nos Últimos 12 Meses – Nº ocasiões (%)**



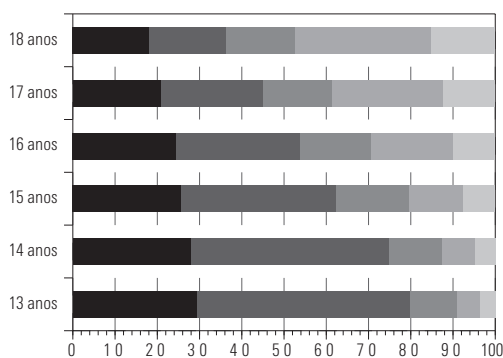
	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
F12M- 20 ou mais	0,5	4,1	1,6	3,3	7,3	9,3
F12M- 6 a 19	0,3	1,4	2,3	2,9	5,7	5,7
F12M- 1 a 5	1	3,1	5,5	8,9	9,8	13,5
F12M- Nunca	98,2	94,1	90,6	84,7	77,2	71,5

**Gráfico 24 – ECATD/2003 – CANNABIS**  
**Dimensão do consumo** por grupo etário – Raparigas  
**Frequência nos Últimos 12 Meses – Nº ocasiões (%)**



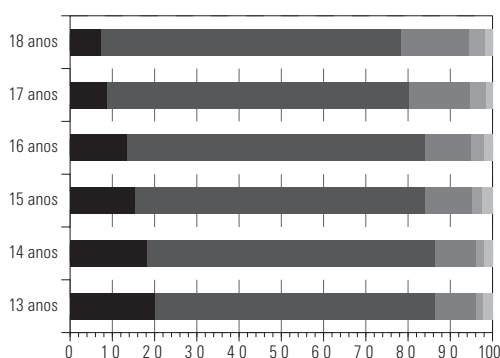
	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
F12M- 20 ou mais	0,1	0,4	0,8	1,7	2,6	2,6
F12M- 6 a 19	0,5	0,6	0,8	1,8	3,2	4,4
F12M- 1 a 5	1,1	1,7	4,4	7,3	7,6	8,8
F12M- Nunca	98,3	97,3	94	89,2	86,7	84,3

**Gráfico 25 – ECATD/2003 – CANNABIS**  
**Percepção do mercado** por grupo etário – Total de alunos  
**Acesso à substância (%)**



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
Muito Fácil	3,6	4,8	7,4	9,7	12,1	15,1
Fácil	5,5	7,6	13	19,5	26,5	32,4
Difícil	10,9	12,7	17,1	16,8	16,3	16,3
Muito Difícil	50,5	47	36,8	29,5	24,1	18,2
Não Sei	29,5	27,9	25,6	24,4	20,9	18

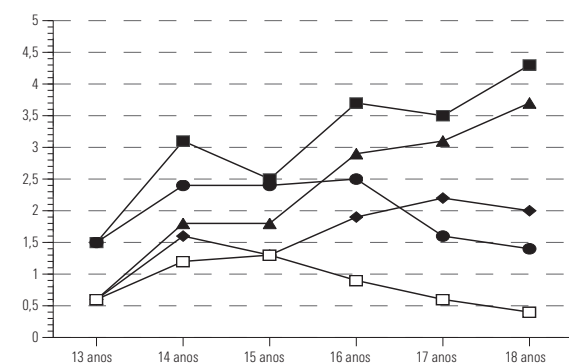
**Gráfico 26 – ECATD/2003 – CANNABIS**  
**Percepção do mercado** por grupo etário – Total de alunos  
**Risco de consumo regular (%)**



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
Sem risco	2,2	1,9	2,4	2	1,5	1,6
Pouco risco	1,8	2,1	2,4	3	3,8	3,8
Risco moderado	9,6	9,6	11	10,9	14,3	16,1
Muito Risco	66,3	68,1	68,9	70,5	71,5	71,1
Não Sei	20,2	18,4	15,4	13,6	8,9	7,3

Entre as “outras drogas”, apresentam-se os resultados das Prevalências ao Longo da Vida referentes ao *ecstasy*, cocaína, cogumelos alucinógenos, LSD e GHB (Gráfico 27). De realçar a simetria dos perfis dos consumos do *ecstasy*, cogumelos e LSD, por um lado e, por outro, o facto de a cocaína e o GHB, serem as substâncias com menos consumidores entre os alunos mais velhos.

**Gráfico 27** – Prevalências ao longo da Vida, por grupo etário (%) *Ecstasy*, Cocaína, Cogumelos mágicos, LSD, GHB

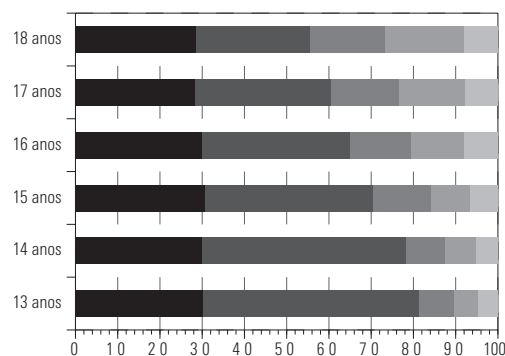


	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
PLV - <i>Ecstasy</i>	1,5	3,1	2,5	3,7	3,5	4,3
PLV - Cocaína	1,5	2,4	2,4	2,5	1,6	1,4
PLV - Cog-Mg	0,6	1,8	1,8	2,9	3,1	3,7
PLV-LSD	0,6	1,6	1,3	1,9	2,2	2
PLV - GHB	0,6	1,2	1,3	0,9	0,6	0,4

A análise mais detalhada das percepções da facilidade de acesso aos mercados do *ecstasy* (Gráfico 28) e da cocaína (Gráfico 29), reflecte, de algum modo, estes perfis já que os resultados mostram que os que, aos 14 anos, consideram “muito fácil” ou “fácil” o acesso a estas substâncias, são 12% para o *ecstasy* e 10% para a cocaína, enquanto que aos 18 anos, são cerca de 27% no caso do *ecstasy* e 16% no caso da cocaína, ou seja, a percepção da facilidade de acesso aumenta muito mais para o *ecstasy* do que para a cocaína.

**Gráfico 28** – ECATD/2003 – *ECSTASY*

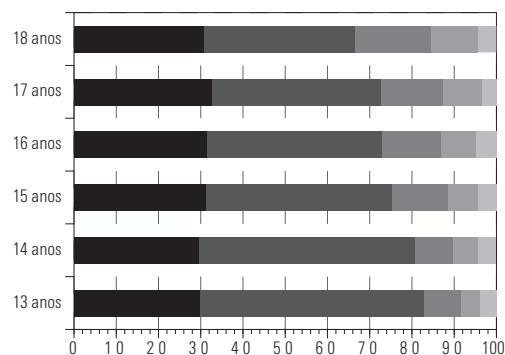
Percepção do mercado por grupo etário – Total alunos  
Acesso à substância (%)



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
Muito Fácil	4,6	5	6,5	7,9	7,6	7,9
Fácil	5,9	7,4	9,3	12,7	15,7	18,9
Difícil	8,2	9,5	13,7	14,4	16,1	17,8
Muito Difícil	51,1	48,1	39,8	35	32,2	26,7
Não Sei	30,2	30,1	30,7	30,1	28,4	28,7

**Gráfico 29** – ECATD/2003 – COCAÍNA

Percepção do mercado por grupo etário – Total alunos  
Acesso à substância (%)



	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos
Muito Fácil	3,8	4,2	4,4	4,9	3,5	4,5
Fácil	4,6	6,1	7,1	8,2	9	10,9
Difícil	8,7	8,9	13,2	14	14,7	17,9
Muito Difícil	53,2	51,1	44,2	41,4	40,1	35,8
Não Sei	29,8	29,7	31,2	31,6	32,7	30,9

As crenças sobre a facilidade de abandono do consumo regular de *ecstasy* ou de cocaína, são claramente diferentes. Com efeito, aos 18 anos, consideram “muito fácil” ou “fácil” abandonar esse consumo cerca de 16% dos alunos no caso do *ecstasy* (Gráfico 30) e apenas 4% no caso da cocaína (Gráfico 31).

Neste artigo apresentou-se uma síntese dos resultados dos estudos em meio escolar do IDT, tendo-se salientado, por um lado, a importância do tempo enquanto factor ligado à maturação individual dos alunos (idade) e portanto estruturante do modo como vão interagir com os contextos e o meio em que estão inseridos, aspectos que não devem deixar de ser considerados na concepção dos projectos de prevenção.

Por outro lado, pretendeu-se enfatizar a importância do tempo ao nível das dinâmicas macrosociais que estruturam a evolução dos consumos em função também de dinâmicas territoriais mais ou menos evidentes, ligadas seguramente a aspectos culturais, económicos, históricos, etc., mas quiçá, também, a outros aspectos ainda desconhecidos ou, pelo menos, não valorizados e que importará investigar para uma cabal compreensão das dinâmicas

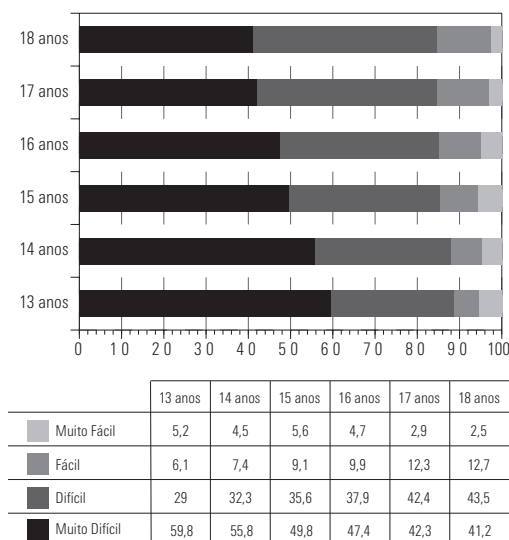
europeias subjacentes aos consumos do álcool e das drogas.

1. Assim, o novo ciclo de estudos, actualmente em curso deverá contribuir para responder a algumas questões aqui levantadas, a saber:

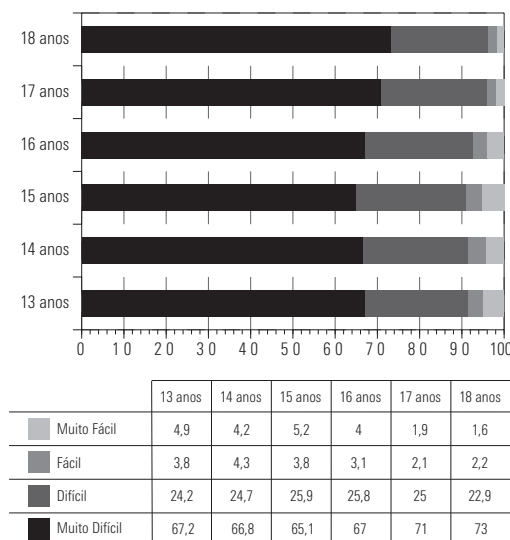
Relativamente aos consumos de drogas:

- Manter-se-ão os níveis da experimentação e dos consumos mais regulares, ou estaremos perante novos incrementos das percentagens de consumidores?
- Esses, eventuais, novos padrões de consumo estarão presentes uniformemente em todo o território (País), ou situar-se-ão em zonas específicas?
- Continuará a *cannabis* a ter percentagens de consumidores muito mais elevadas do que as “outras drogas” ou os desníveis entre as respectivas prevalências de consumo esbater-se-ão?
- Manter-se-á a tendência de os alunos mais velhos se centrarem no consumo de *cannabis* ou o consumo das “outras drogas” ter-se-á generalizado entre eles, à semelhança do que sucedeu com a *cannabis*, no final da década de 90?
- Entre os alunos mais jovens terão as “outras drogas” ocupado

**Gráfico 30 – ECATD/2003 – ECSTASY**  
Crenças sobre consumo por grupo etário – Total alunos  
Abandono do Consumo Regular (%)



**Gráfico 31 – ECATD/2003 – COCAÍNA**  
Crenças sobre consumo por grupo etário – Total alunos  
Abandono do Consumo Regular (%)



o lugar de drogas mais experimentadas ou a *cannabis* ainda será predominante?

- Manter-se-ão as diferenças de género, na dimensão dos consumos entre os alunos mais velhos ou, pelo contrário, haverá maior aproximação entre os respectivos padrões de consumo?
- A nível Europeu, manter-se-ão os padrões de consumo dos países ou haverá alterações territoriais relevantes?

Para além disto, muito se tem falado do aumento do consumo da cocaína. Será que o aumento na quantidade de cocaína apreendida, em Portugal, tem alguma relação com o consumo interno? Será que existe aumento de consumo apenas em alguns contextos específicos? Ou será que esse aumento é generalizado e tem dimensão suficiente para influenciar as prevalências a nível nacional?

## 2. Relativamente aos consumos de bebidas alcoólicas:

- Manter-se-á a tendência para a estabilidade das percentagens de consumidores de álcool?
- O predomínio do consumo de bebidas destiladas continuará ou a cerveja recuperará o primeiro lugar que detinha na década de 90?
- Manter-se-ão os padrões de consumo das bebidas alcoólicas, em função da idade?
- Ou continuarão a intensificar-se os consumos intensivos, entre os que já consomem?
- As assimetrias de género na frequência e intensidade de consumo das bebidas alcoólicas, nos diferentes grupos etários, manter-se-ão estáveis ou alterar-se-ão?
- A nível Europeu, manter-se-ão os padrões de consumo dos grupos de países aqui identificados ou haverá alterações relevantes?

Também muito se tem questionado o facto de – à semelhança de outros países do Sul da Europa – Portugal ser, por um lado, um dos países europeus com maior consumo de álcool *per capita* e, por outro lado, um dos países com menores prevalências de consumo de álcool entre os adolescentes. Que factores poderão explicar esta realidade? Tratar-se-á de uma reacção dos jovens aos modelos de consumo exagerado, dos pais e dos avós? Ou será que houve uma certa aprendizagem social sobre os efeitos do consumo abusivo e portanto haverá um maior controlo do que se consome? Estará o consumo de álcool, fora de moda? Ou

estará associado apenas a contextos específicos de diversão? Será que nesses contextos esse consumo tem uma função instrumental (de descontração e facilitador das relações, por exemplo) mas que não constitui um fim si mesmo? Ou encontrar-se-á a explicação nos factores culturais, em geral? Será o quadro de valores do Sul da Europa mais tolerante em relação ao desvio às normas e, portanto, mais tolerante em relação ao erro e menos estigmatizante para quem comete excessos sendo, por isso mesmo, menos indutor da manutenção de comportamentos excessivos? Terão estes aspectos, a existirem, influência sobre a relação dos adolescentes com o álcool? Mais objectivamente, será que o facto de, nos países latinos, o quadro legal do consumo de álcool ser mais "permissivo", o torna pouco atraente para os adolescentes já que não é encarado pela sociedade como transgressivo? Existirão causas genéticas que protejam os jovens do Sul, dos consumos exagerados na adolescência?

A procura de respostas para estas perguntas é fundamental. Com efeito, vive-se num tempo em que a tendência legislativa parece apontar para a implementação de medidas cada vez mais proibicionistas em relação ao consumo de álcool, ignorando os resultados destas políticas nos países onde já estão em vigor há muitos anos (países do Norte da Europa) e onde parecem não ter produzido os resultados preconizados; por outro lado, a implementação das medidas de descriminalização do consumo de drogas, designadamente em Portugal, parece não ter provocado o boom do aumento dos consumidores que alguns temiam que viesse a ocorrer. Os estudos em curso, ajudarão a esclarecer esta situação e a responder a algumas das questões referidas.

Importa pois olhar com serenidade para os resultados destes estudos e tomar decisões baseadas em conhecimentos científicos e não, como há uns anos atrás, em preconceitos ou em generalizações que, por não terem em conta as especificidades dos contextos e/ou territórios, são inadequadas.

## Contactos:

Fernanda Feijão  
 Instituto da Droga e da Toxicodependência  
 Praça de Alvalade, 7, 6.º  
 1700-036 Lisboa  
 Fernanda.feijao@idt.min-saude.pt  
 Fernanda.feijao@netcabo.pt



**NOTAS:**

1) Que foi incorporado no Instituto Português da Droga e da Toxicodependência (IPDT), que por sua vez foi incorporado no actual IDT.

2) Neste artigo, sempre que se fizer referência a “destiladas” deverá-se entender o conjunto de bebidas alcoólicas obtidas pelo processo de destilação (whisky, gin, vodka, aguardentes, etc.), que, como se sabe, possuem um teor alcoólico muito mais elevado que as bebidas alcoólicas obtidas pelo processo de fermentação: cerveja e vinho.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Feijão, F. & Lavado, E. (2006a). *“Os Adolescentes e a Droga – Portugal 2003”*. Lisboa: IDT.

Feijão, F. & Lavado, E. (2006b). *“Os adolescentes e o Alcool – Portugal 2003”*. Lisboa: IDT.

Feijão, F. & Lavado, E. (2006c). *“Os Adolescentes e o Tabaco – Portugal 2003”*. Lisboa: IDT.

Feijão, F. & Lavado, E. (2003). “Assimetrias geográficas e jovens consumidores de droga. Portugal 2001”. *Toxicodependências*, 9: 73-84.

Feijão, F. (2004). “Aspectos epidemiológicos do uso de drogas”, in A. Borges e H. Filho (Coord.) *Usos, abusos e dependências. Alcoolismo e Toxicodependência*, (pp.55-82). Lisboa: Climepsi Ed.

Feijão, F. & Lavado, E. (2004). “Evolução do consumo de drogas na adolescência: ruptura ou continuidade?”. *Toxicodependências*, 10: 31-48.

Hibell, B.; Anderson, B.; Bjarnasson, T.; Kokkevi, A., Morgan, M. & Narusk, A. (1997). *The 1995 ESPAD Report. Alcohol and other Drug Use among Students in 26 European Countries*. Stockholm: CAN/PG.

Hibell, B.; Anderson, B.; Ahlström, S.; Balakireva, O.; Bjarnasson, T.; Kokkevi, A. & Morgan, M. (2000). *The 1999 ESPAD Report. Alcohol and other Drug Use among Students in 30 European Countries*. Stockholm: CAN/PG.

Hibell, B.; Anderson, B.; Bjarnasson, T.; Kokkevi, A. & Morgan, M. (2004). *The ESPAD Report 2003*.

Rodrigues, L. M. (1994). *“Droga Meio Escolar. Pressupostos e metodologia”*. Lisboa: GPCCD.

Rodrigues, L. M.; Antunes, C. & Mendes, Z. (1996). *“Estudos em Meio Escolar. 3.º Ciclo Diurno. Portugal Continental. 1995. Relatório Preliminar”*. Lisboa: GPCCD.

Rodrigues, L. M.; Antunes, C. & Mendes, Z. (1997). *“Inquérito a Alunos do Ensino Secundário. Portugal. 1995”*. Lisboa: GPCCD.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

Alvarez, J.; Bello, P.; Faasen, I.; Feijão, F.; Karachouliou, K.; Kontogeorgiou, K., Lagerqvist, L. Mickelsson, K.; Siamou, I.; Simon, R. & Vaissade, L. (2003). *“Emerging Drug Phenomena: A European manual on the Early Information Function for Emerging Drug Phenomena”*. Paris: OFDT.